

Uma luz perigosa

Capitão Morris agarrou o timão do Dumfries, um navio velejador de madeira de 470 toneladas, enquanto gritava ordens para a tripulação composta por 23 homens. Em sua cabine, abaixo do convés, o único passageiro do navio, Hudson Taylor, estava sentado escrevendo em seu diário. O jovem inglês, baixo, de cabelos loiros e olhos azuis, estava a caminho da China para ser missionário ali. Ocupado escrevendo, não sabia que o navio seguia em direção a uma tempestade, embora tivesse notado que o lampião da cabine havia começado a balançar mais que antes.

No deque, a pressão barométrica caía de forma constante. A baixa pressão significava ventos fortes, e os ventos fortes significavam mar agitado. As ondas começaram a quebrar-se contra o arco do navio. Por causa delas, o Dumfries batia de um lado para o outro, estremeendo

e rangendo. Quanto mais forte o vento ficava, maior a preocupação do capitão Morris. Apesar de todos os seus esforços, o navio estava à mercê da corrente e do vento uivante. E pior, eles estavam a apenas quatro dias de Liverpool e ainda não haviam chegado às águas abertas do Oceano Atlântico. Encontravam-se, nesse momento, no mar da Irlanda, perto dos recifes irregulares e rochosos da costa galesa. Agora, jogados de um lado para outro pelo vento e pela corrente do oceano, essas rochas estavam perigosamente próximas.

No final da tarde, as ondas estavam do tamanho de montanhas, e o Dumfries rangia enquanto era sacudido com violência. Hudson Taylor seguiu cauteloso para o convés. A cor do céu combinava com os hematomas adquiridos ao ser jogado de um lado para o outro na cabine. A água que respingava do oceano ardia como se minúsculos fragmentos de vidro atingissem seu rosto.

Capitão Morris estava agarrado ao grande timão de madeira do navio, girando-o primeiro para um lado e depois para o outro, tentando fazer o Dumfries responder. Ele olhou para Hudson, sem afrouxar momento algum o aperto na direção.

Ele gritou: — A menos que Deus nos ajude, não há esperança.

— Quão longe estamos da costa galesa? — Hudson gritou de volta.

— Quase 25 quilômetros, e estamos à deriva muito rapidamente.

Assim que o capitão terminou de falar, uma enorme onda se lançou contra o navio. A espuma borbulhante conduzida pelo vento encheu o ar, e a água subiu pelo convés, derrubando barricadas e pedaços de madeira como se não pesassem nada. Hudson decidiu que estaria mais seguro na cabine. Quando saiu do convés, examinou a cena mais uma vez antes de descer. A menos que Deus trabalhe de forma miraculosa a nosso favor, algumas madeiras quebradas serão tudo o que restará de nós e do navio pela manhã, pensou ele, inseguro do que estava por vir.

Na escuridão abaixo do convés, muitos tripulantes se encolhiam no refeitório. O navio estava balançando e batendo com tanta força — ora caindo para a frente, ora balançando de um lado para o outro, ora caindo e batendo contra as ondas — que Hudson teve que engatinhar pelo corredor até a cabine na popa do navio. A porta da cabine batia com descontrole nas dobradiças, mas ele conseguiu fechá-la atrás de si quando desabou dentro da cabine. Deslizou até o beliche, sozinho no escuro, ouvindo apenas o bater das ondas contra a lateral do navio e o estremecimento em resposta da embarcação. Cada ondulação quase o derrubava da cama.

Ele tentou dormir, mas não conseguiu. A fúria da tempestade só crescia, até que o navio estava sendo jogado com tanta força que Hudson não podia mais ficar na sua cama. Ele fez o caminho de volta ao convés. Capitão Morris mantinha-se resolutos na mesma direção. No en-

tanto, Hudson notou algo diferente desta vez. Ele podia ver um farol a sotavento do navio.

— O farol de Holyhead — gritou o capitão Morris para Hudson. — Estamos indo diretamente para ele.

— Quanto tempo temos? — Hudson gritou de volta acima do uivo do vento.

— Duas horas no máximo — foi a resposta sombria do capitão.

Hudson não podia pensar em nada mais para dizer. Era o fim. O capitão fizera todo o possível para salvar o navio, mas nada havia funcionado. Era apenas uma questão de tempo antes de o Dumfries ser esmagado contra as rochas. Lágrimas se juntaram à trilha salgada de água do mar que escorria pelo rosto de Hudson.

Pensamentos a respeito de sua família inundavam a mente de Hudson quando ele voltou do convés. Podia ver os rostos da mãe, do pai e das irmãs Amelia e Louisa. Como eles lidariam com sua morte? A situação não deveria terminar desse jeito. Deus o teria salvado de uma febre maligna e da morte certa apenas para deixá-lo se afogar no mar da Irlanda? Ele pensou em seu corpo: afundaria ou seria levado para a costa? Apenas no caso de ser levado, ele tirou seu livro de bolso e, apesar dos movimentos ferozes e imprevisíveis do Dumfries, conseguiu escrever seu nome e endereço em letras grandes dentro da capa. Deslizou o livreto para dentro da camiseta de baixo. Assim, se seu corpo fosse achado, a família saberia que ele havia sido identificado e devidamente enterrado.